

11/06/20

Laboratório de escrita

Luana Aranin

1993 - Goiás velho, GO

Os pratos sobre a mesa estavam vazios e os estômagos cheios. Minha mãe tinha realmente se empenhado aquela noite. O frango com pequi estava caprichado. E a pamonha, que sem restar dúvida, eram de autoria de Don'Ana, tinha encerrado o jantar com chave de ouro. Desde o Natal não participava de uma mesa tão farta e tão dispendiosa, embora no que se refere aos participantes, a ausência de alguns abarrotassem a mesa. Pablo ocupava o lugar de Joaquim, e três cadeiras restavam vazias. Apesar de que pouco tocara na comida, a mesma me pesava como se tivesse acabado de engolir um potro. Já o convidado da noite, para quem as honras do jantar eram dedicados, agora farto, desfrutava dos holofotes e se dedicava a fazer o que sabia fazer de melhor: prosear sobre si mesmo. E como eu, momentaneamente, me sentia farto daquelas histórias, impus minha presença a mesa em forma de silêncio.

- Mamãe, Pablo não gosta que chamem ele de Neto.

- É verdade isso, meu filho? Achei que fosse assim que seus pais te chamassem.

- Verdade, dona Gilka, é assim que eles me chamam, mas para os amigos é apenas Pablo.

- Sabe, Neto, conheço seu pai há muitos anos. Não, minto. Acho que o conheço da vida toda. Mas claro, todos na cidade conhecemos a sua família desde sempre. Você sabe, que para nós, ele sempre foi o Ortiz Filho. Evidente que não fomos amigos, seu pai e eu, e não sei se chamavam ele de Pablo quando era jovem. Mas, meu filho, não tenha vergonha de ser aquilo que os seus pais desejarem. Todos vocês aqui, pensam que não mas, eu entendo, eu também já fui jovem. Existe alguma coisa de importante na juventude com relação a identidade, como se vocês precisassem se sentirem únicos, e há um certo menosprezo com relação a herança da família. Eu sei... \_ minha tia fez uma pausa e deixou o olhar deambular como se vasculhasse a memória a procura desse conhecimento que ela tinha do seu próprio passado. - Mas vocês vão ver. Com o tempo, os valores que vocês renegam agora serão os únicos que realmente importam. Não adianta, todos nós envelhecemos, amadurecemos e nos tornamos os nossos pais.

- Aliás, vocês... \_ apontou para nós, excluindo a Pablo. - Sabem como meus pais, seus avós, me chamavam quando eu era criança?

Nos entreolhamos ignorantes, mas é claro que Lygia sabia.

- Gigi. Me lembro do vovô te chamando assim quando éramos pequenos.

- Isso, minha filha. E então, depois que eu cresci e me tornei uma mocinha, assim rebelde como vocês, eu não gostava de que me chamassem assim, eu preferia que me chamassem de Gilka. E como é que todos me chamam agora?

- Falando nisso, Neto, por favor, me chame de Gigi. Somos praticamente da família, não há necessidade disso. Ainda mais agora que namora minha filha. E nada de senhora também, me chame de você, não sou tão velha assim.

- Tudo bem, dona Gilka - consertou em seguida. - *Gigi... Você...* pode me chamar de Neto. Desde que os outros não copiem, por mim está tudo bem.

Sorrimos todos, supostamente, condescendentes.

- Não sei se é indelicado, mas quantos anos *você* tem, dona Gigi? - Pablo perguntou. - Fiquei curioso.

- Tenho 42 anos.

- Realmente... muito nova.

Nos encaramos, Pablo e eu, uma mirada cúmplice, de quem, depois de muitos anos de amizade, sabe exatamente o que o outro está pensando.

Tia Gilka nos observava.

- Eu sei o que está passando pela cabeça de vocês. \_ eu podia assegurar que ela pudesse, mas esperava que, pelo menos, não de todo. - O amadurecimento em si não é uma questão de idade, tem mais a ver com as particularidades de cada um. Por exemplo, eu sei, que tem muitas na minha idade que são mais liberais que eu, vamos dizer. Algumas mulheres, inclusive casadas, que acham que pensam diferente. Elas estão se chamando agora de feministas. Está na moda esse termo. Mas em algum momento, estas mulheres terão filhos, principalmente agora, que se têm filhos mais tarde. Enfim, quando os filhos chegam, as prioridades mudam. E é aí, quando chega a maturidade, que toda aquela rebeldia passa a não fazer mais sentido. - Distraído, não escutei quando ela pediu pela primeira vez. - Santiago, me faz um favor, pede pra Luzia fazer um café pra gente.

Preferiu se abster de se sentir constrangida quando fosse pedir o favor pessoalmente. Me levantei e segui até a cozinha, pensando no quanto ainda faltava para que aquela noite terminasse. Na medida em que me afastava, sem pressa, seguindo pelo corredor, continuava escutando a voz de minha tia, se impondo sobre qualquer outra, enquanto Pablo contribuía agregando algum comentário, de vez em quando. Luzia não estava na cozinha, mas ouvia vozes vindo do pátio atrás da casa. Resolvi fazer o café eu mesmo. Afinal, o que lhe custava ter pedido a mim ou a uma de suas filhas \_ se só as mulheres podem ser incumbidas dessa tarefa. Enquanto a chaleira piava e a água levantava fervura, Luzia e Don'Ana entraram na cozinha.

- O que você está fazendo aqui? - perguntou a mãe de Luzia.

- Um café especial para um convidado especial.

- Desde quando você sabe fazer café? Colocou quantas colheres, meu filho?

- Aprendi em Brasília, com a esposa do meu tio. \_ Don'Ana se interpôs entre mim e o fogão. - Eu sei fazer café, tia, me devolve a chaleira, por favor.

- Não, deixa comigo, você vai lá pra dentro. - decretou.

Luzia me cercou na bancada da pia. A encarei constrangido. Envergonhado, eu sabia, por uma coisa que em si eu não tinha realizado, mas que por outro lado, me sentia conivente.

- O que foi, Santi? \_ ela perguntou, a voz doce, exatamente como quando se mete na minha cama, a noite, para me aliviar das agruras de ser jovem e necessitado da substância do

sexo feminino. - Sentiu minha falta no jantar hoje, não foi? Queria que estivéssemos lá com você? - E mudou o tom. - Muito fofo da sua parte, mas não vai dar, infelizmente, hoje somos os empregados.

Sons de risadas se propagaram pelo corredor vindos da sala de jantar, como se (estivéssemos ou inseridos) num Talk Show, e a plateia dirigida, (tivesse acabado) de ser instruída a soltar gargalhadas, e Luzia, a entrevistada, acabado de dizer alguma coisa, não necessariamente, engraçada. (terrível esse parágrafo, me ajudem)

- Luzia?! \_ a mãe a repreendeu.

- Ela tem razão tia, hoje foi um dia de merda.

- Espera uns minutinhos, meu anjo, e você já leva o café pra sua tia. Ajuda Luzia a colocar as xícaras na bandeja, que da próxima vez, eu deixo você fazer o café.